

## CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO Nº1277/78 – Ano 29; 4ª Semana Dezembro 2015/1ª Janeiro 2016.

# Pelas Frestas Do Capital. JOSÉ MARTINS

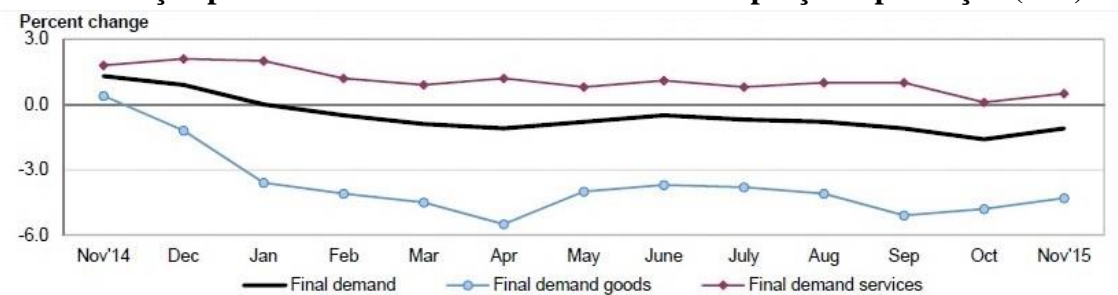
*O banco central do planeta ameaça elevar a taxa de juro nesta semana. Ignora os avisos de atar os cintos e não acender o cigarro quando o aparelho capitalista novamente super produzido já perde altitude perigosamente. Vai voar moeda para todo lado. Tomara que cumpram o prometido. Assim, 2016 já começará cheio de grandes emoções. E a Crítica será tomada por uma animação bem mais esfuziante que neste ano velho que se encerra.*

O destino da humanidade depende da variação dos preços na economia de ponta do sistema. Pelo menos nos próximos trimestres. De maneira mais didática: se quiseres saber o que pode acontecer com tua economia nacional (e pessoal) nos próximos doze meses, veja, em primeiro lugar, como anda a economia dos EUA, que dita o ritmo e compasso da totalidade do mercado mundial. E verás que a economia de ponta do sistema está andando mal das pernas.

Não é a produção que está caindo. Ainda não. Nem o emprego. Nem o sistema financeiro. Na superfície está tudo calmo. Apenas instabilidades de rotina. A crise ainda não chegou a Wall Street. O problema é a tendência à queda da *taxa geral de lucro* da totalidade dos ramos industriais daquela economia. Queda que já se manifesta fortemente em estratégicas variáveis endógenas da economia. No *Preço de Produção*, por exemplo, que embute, além do custo de produção de determinada mercadoria, exatamente a *taxa média de lucro* do seu ramo de produção. E quando esta taxa cai, o capital do ramo entra em convulsão.

É por isso que a persistente queda dos Preços de Produção (ou deflação) a partir de algum ponto do período de expansão do ciclo – como neste último iniciado no 2º trimestre/2009 e ainda em ação – acende os sinais anunciadores de novas e criativas turbulências no curto-prazo. É o que se verifica pela variação do índice do preço de produção (PPI, em inglês), que mede os preços que as empresas recebem pela venda de sua produção.

### EUA: variação percentual em doze meses de índices de preço de produção (PPI).



O PPI geral da demanda final (média de serviços e bens industriais) em doze meses voltou a cair 1,1%, em Novembro/2015. Em Outubro, havia caído 1,6%. Está caindo mensalmente desde Janeiro deste ano, como é ilustrado pelo gráfico acima. Esta queda é puxada pelo PPI da demanda final de bens industriais (linha azul do gráfico), que desde Janeiro oscila negativamente na faixa de zero a menos 6.0%. Observe pela fresta a evolução do PPI de bens acabados no ciclo como um todo, com ajuda do gráfico preparado pelo *stlouisfed* (FRED). (base dezembro 2007=100)



Nota-se pelo gráfico que depois da recuperação da crise parcial de 2008/2009, no 2º Trimestre de 2009, o PPI de bens industriais elevou-se continuamente até Junho de 2014. Foram aproximadamente quatro anos de elevação. Isso quer dizer que se recuperou a taxa geral de lucro de 2007, último ano da expansão do ciclo anterior (2002/2008). É só a partir do mês de Junho/2014 (veja marca no gráfico) que se inicia novo processo deflacionário no atual período de expansão. Essa evolução indica pressão crescente no sentido de queda da taxa geral de lucro da economia de ponta do sistema.

Não existe nenhuma política econômica (monetária, fiscal, cambial, etc.) capaz de interromper esse processo rumo à próxima ruptura cíclica da economia. Trata-se aqui de movimentos endógenos de geração, corrupção e outros aspectos da mutação material do processo de valorização do capital. São impermeáveis à política e outras ações burocráticas do Estado. O máximo que essas ações voluntaristas podem fazer é prorrogar por certo tempo a explosão (não mais que 10 trimestres em ciclos recentes), via estímulo de crédito e da demanda pelo produto.

Esticar ao máximo a crise parcial e procurar evitar a passagem para a crise geral. É nisso que consiste a política econômica em geral. Tudo nela consiste em políticas de “estabilização” da economia. Porém, uma coisa é realizar o produto, outra é realizar o preço de produção. Na unidade dos elementos constitutivos de uma mercadoria há que se levar em conta o duplo caráter do trabalho expresso na mercadoria. Feito isso, não haverá grande dificuldade em se verificar no mundo real que a demanda da era capitalista é aquela que realiza um preço grávido de uma taxa média de lucro já determinada antes mesmo da mercadoria ser vendida – e não a demanda pré-existente que apenas escoar monumentais estoques de utilidades ou *commodities* via expansão da moeda, do crédito e grandes liquidações na esfera do capital comercial. É nisso que consiste o limite da chamada Macro Economia e suas voluntaristas políticas econômicas dos Tesouros, Bancos Centrais, etc.

Esse limite pode ser ainda mais potencializado, pois na vida real as coisas inerentes ao capital aparecem sempre de ponta-cabeça. Assim, se a política econômica pode prorrogar temporariamente a explosão cíclica pela expansão dos gastos e do crédito público, ela pode também, quando mal encaminhada, antecipar essa explosão. Essa é a importância de se levar em conta precisas considerações teóricas. Por exemplo, a má avaliação da variação futura dos Preços de Mercado (popularmente conhecido como Preços ao Consumidor) no ciclo pode levar o Federal Reserve (Fed, banco central dos EUA) a uma política monetária de elevação da sua taxa básica de juro. É o que de mais importante na economia se discute atualmente em todo o mundo. Os dirigentes do Fed criaram essa expectativa de que poderão aumentar a taxa de juros em sua reunião da próxima semana pela primeira vez em quase uma década, em cima de um quadro em que o mercado de trabalho voltou a ficar muito aquecido, mas sem nenhuma evidência de que esteja se instalando nos próximos trimestres alguma tendência de elevação da inflação. Como a realidade da exploração da classe operária é levemente desconsiderada pela economia política dos capitalistas, ela é incapaz de observar que pode haver no mundo real forte aumento do emprego e da produtividade, acompanhado de irrelevantes reajustes salariais. Sem pressão inflacionária, portanto. Falta a objetividade da luta de classes na cabeça dos economistas. Assim eles podem cometer os maiores delitos contra o próprio capital.

A economia política dos trabalhadores ensina que o Preço de Mercado (ou ao consumidor) é determinado no ciclo pela evolução do Preço de Produção (ou ao produtor). O primeiro gira em torno do segundo. E no momento da crise a tendência observada em outros ciclos recentes é uma convergência dos dois tipos de preços da economia. A lei do valor trabalho age na economia como a lei da gravidade age na física. O Preço ao Consumidor é nivelado ao Preço de

Produção. Ora, como vimos acima, a tendência é de persistente queda deste último na economia dos EUA. O mesmo acontece na Europa, Japão e China. É por isso que o chamado “*price index for personal consumption expenditures*” [índice de preço dos gastos com consumo pessoal], o indicador de inflação preferido pelos economistas do Fed, em Outubro/2015 subiu apenas 0,2% frente ao mesmo mês do ano anterior. Mas os economistas do Fed ignoram o fato afirmando que a fraca taxa inflacionária atual deve-se a “fatores temporários”, como os deprimidos preços de energia e dos preços de importação dos EUA. Não contem com nenhuma justificativa a essa opinião. Para eles é pouco importante explicar por que acham que a deflação dos preços mundiais é “temporária”.

A princípio, o Fed só agiria, elevando a taxa de juros, quando esse índice de inflação que guia seus passos se aproximasse do teto de inflação de 2% ao ano estabelecido como meta pelo próprio Fed. A evolução real dos preços mostra que isso está longe de acontecer. Mesmo assim, Janet Yellen, diretora-presidente do Fed, declarou nesta semana: “Seguidos ganhos no mercado de trabalho, junto com meu julgamento que a expectativa de longo-prazo de elevação da inflação permanece razoavelmente bem alicerçada, serve para reforçar minha convicção de que haverá um retorno da inflação a 2% assim que se enfraquecerem os efeitos desinflacionários do declínio dos preços de energia e de importações”.

Temos aqui um caso raro de a mais elevada dirigente do Fed destorcer levemente os princípios mais elementares da teoria econômica e, o que é ainda pior, os próprios fatos reais dos preços e da situação econômica mundial. Greenspan ou Bernanke, excelentes economistas, eram suficientemente educados para evitar esse tipo de idiotice teórica e prática. Com base apenas naquela fantasiosa ideia de que os preços de energia e de importações da economia norte-americana devem se elevar (ela também não diz quando, e muito menos por quê) Yellen inventa a justificativa para elevar já na próxima semana a taxa de juros do banco central do planeta. Se os dirigentes do Fed tiverem a coragem de cumprir a promessa, comprovarão aquela nossa consideração de que os limites da política econômica no ciclo econômico podem ser verificados não só quando as medidas tomadas são inteligentemente encaminhadas (Greenspan e Bernanke), mas também em sua forma mais deplorável de antecipar a crise por absoluta ignorância teórica e irresponsabilidade prática (Yellen).

Tomara que cumpram o prometido. Que não atendam os avisos de colocar os cintos e não acender o cigarro quando o aparelho capitalista novamente super produzido já perde altitude perigosamente. Assim, o ano de 2016 já começará cheio de grandes emoções. E a Crítica será tomada por uma animação bem mais esfuziante que neste ano velho que se encerra.